

A Teologia da Comunicação

Delineamento do Magistério Eclesiástico

Tratando-se da minha primeira incursão por terrenos tão pouco explorados, quais os da teologia da comunicação social, seus meios e instrumentos¹, limitar-me-ei a uma prospeção das linhas mestras da doutrina do Magistério Eclesiástico² sobre a matéria. Não estarão na mira do presente trabalho as questões éticas e pastorais por se situarem para além das fronteiras da minha especialidade científica, a teologia dogmática. Como é óbvio, a minha atenção incidirá particularmente sobre a legitimação e a fundamentação teológicas ou, mais simplesmente, sobre o enquadramento teológico de base.

A questão é a seguinte: a comunicação social é para o Magistério Eclesiástico uma realidade puramente profana, ou terá algo a ver com o «mistério de Deus»?³. Por outras palavras, qual o papel dos meios e instrumentos da comunicação social no âmbito da missão evangelizadora da Igreja?

¹ Como salientaremos mais adiante, os máximos expoentes da teologia do passado e do presente pouco se ocuparam do tema em questão, podendo-se afirmar que a teologia da comunicação social continua por fazer (cf. *infra*, notas 27 e seguintes).

² Daremos particular relevo à Encíclica «*Vigilanti cura*» de Pio XI, de 29 de Junho de 1936, (A.A.S. 28 [1936] 249-263); Encíclica «*Miranda prorsus*» de Pio XII, de 8 de Setembro de 1957, (A.A.S. 49 [1957] 765-805); *Decretum de Instrumentis Communicationis Socialis*, «*Inter mirifica*» do Concílio Vaticano II, de 4 de Dezembro de 1963, (A.A.S. 56 [1964] 145-157); *Instructio Pastoralis ad Decretum Concilii Oecumenici Vaticani II de Instrumentis Communicationis Socialis rite applicandum de mandato eiusdem Concilii exarata*, «*Communio et progressio*», de 23 de Maio de 1971, (A.A.S., 63 [1971] 593-656). Embora a «*Inter mirifica*» e a «*Communio et progressio*» restrinjam o campo aos instrumentos da comunicação social, mantemo-nos intencionalmente no âmbito mais amplo do fenómeno da comunicação social. Sobre a terminologia cf. E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale. Sociologia pastorale degli strumenti della comunicazione sociale*, Roma 1974, 38-48; id., *Strumenti della comunicazione sociale ed evangelizzazione*, in *Evangelizzazione e culture II*, Roma 1976, 646-648.

³ A expressão «mistério de Deus» é usada, não no sentido vulgar, mas no sentido paulino.

A resposta virá da história do pensamento eclesiástico que dividirei, não sem alguma artificialidade e comodismo, em três períodos: um, das origens até ao aparecimento dos instrumentos da comunicação social, outro, dos primórdios da imprensa periódica até ao Concílio Vaticano II, e, por fim, o que percorre o Concílio e o Pós-Concílio.

Primeiro período: das origens ao aparecimento dos instrumentos da comunicação social

A comunidade cristã soube, desde as suas origens pentecostais (acontecimento de comunicação!) imprimir a maior eficácia ao testemunho evangélico e à comunicação intracomunitária⁴, explorando as virtualidades que os meios da comunicação lhe proporcionavam e que os progressos da invenção humana lhe iam permitindo. Durante este primeiro período que vai até ao aparecimento do periodismo, a Igreja foi mestra no uso e na promoção da comunicação escrita, das artes figurativas, do teatro e da imprensa⁵.

1. A comunicação escrita: Bem cedo a comunicação escrita foi posta ao serviço do Evangelho de Jesus Cristo. E com que maestria! São testemunhos exímios os escritos paleocristãos reco-

⁴ A religião é essencialmente um fenómeno de comunicação, particularmente quando se legitima na acção reveladora de Deus, como o cristianismo. A Constituição Apostólica «Dei Verbum» do Concílio Vaticano II reconhece-o abertamente: «Deus, que pelo Verbo tudo cria (cf. Jo. 1, 3) e conserva, oferece aos homens um testemunho *perene* de si nas coisas criadas (cf. Rom. 1, 19-20) e, querendo abrir caminho a uma salvação superior, *manifestou-se*, logo ao princípio, aos protoparentes [...]. A seu tempo, *chamou* Abraão para dele fazer um grande povo (cf. Gen. 3, 14) [...], *que instruiu* por meio de Moisés e dos profetas» (n. 3). «Depois de ter *falado* muitas vezes e de *muitos modos* pelos profetas, Deus, 'por fim, *falou-nos* por meio do Filho' (Hebr. 1, 1-2)» (n. 4). «Deus [...] dispôs que tudo quanto havia *revelado*, para a salvação de todos os povos, permanecesse para sempre *íntegro e fosse transmitido* a todas as gerações. Para tal fim, Cristo [...] deu aos Apóstolos o mandato de *pregar* o Evangelho a todas as gentes [...]. O que fielmente foi feito, tanto pelos Apóstolos, que pela *pregação oral*, exemplos e instituições *transmitiram* o que haviam recebido [...], como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que [...] *puseram por escrito* a mensagem da salvação. Para que o Evangelho se conservasse sempre *íntegro e vivo* na Igreja, os Apóstolos deixaram como sucessores os bispos, 'a quem confiaram o seu próprio *múnus de ensinar*' »(n. 7). Trata-se da comunicação de doutrinas, cuja finalidade é a comunicação entre as pessoas (socialização!).

⁵ A nossa visão panorâmica segue de perto o excelente trabalho sistemático de ENRICO BARAGLI, *Comunicazione e Pastorale. Sociologia degli strumenti della comunicazione sociale*, SRCS, Roma 1974, 98-108.

lhidos no Novo Testamento e no «Corpus Patristicum». Não é de somenos importância, com certeza, a obra de conservação e transmissão do inestimável património clássico greco-romano e do património judaico-cristão, que a humanidade ficou devendo aos «scriptoria» dos mosteiros medievais ⁶.

2. *As artes figurativas*: A capacidade expressiva das artes figurativas também não passou despercebida, tendo sido posta ao serviço da instrução evangélica, principalmente dos menos cultos. As representações da história da salvação que revestiam os muros dos templos desempenharam, durante longos séculos por todo o orbe cristão, o papel de verdadeira «Biblia pauperum».

A este propósito Gregório Magno, moderando o zelo iconoclasta de Sereno, bispo de Marselha (+ 600), escreve: «colocam-se pinturas nas paredes das igrejas para que os analfabetos nelas leiam aquilo que não conseguem ler nos códices. [...]. Na verdade, as imagens são para eles o que a escrita é para os letrados [...]. Particularmente para os bárbaros, uma pintura vale tanto como uma leitura». Este princípio didáctico-pastoral é adoptado por Gregório II (726) e pelos concílios Niceno II (787), Constantinopolitano IV (870) e concílio de Arras (1025) ⁷.

⁶ Note-se que a escrita nasce e desenvolve-se com as escrituras sagradas. Estas, por sua vez, desencadeiam um progressivo incremento do pensamento teológico dos povos do Oriente Antigo, particularmente do povo de Israel. No campo religioso, porém, os assinaláveis benefícios da escrita bem cedo começam a ser redimensionados pelos efeitos da inevitável fossilização das tradições. Uma plêiade de escribas e de doutores, ao serviço de hermenêuticas elitistas, transformarão as escrituras em pesados fardos para o povo iletrado. Cristo rebelar-se contra a opressão da letra morta. Todavia, os seus *dicta et gesta* também se tornam escritura, passando a sofrer da ambiguidade da letra. O problema hermenêutico transfere-se, pois, para o interior do cristianismo e aí permanece aberto ao longo dos séculos, colocando, por vezes, as escrituras no centro das disputas, das discórdias e das fracturas. Se durante longos séculos as escrituras permaneceram a reparo de preocupações isso deveu-se à sua inacessibilidade, por causa do analfabetismo, da raridade dos códices e do desconhecimento das línguas bíblicas. Porém, com a afirmação das línguas vulgares, com a alfabetização de algumas camadas sociais e consequente sede de leitura, proliferam as traduções das sagradas escrituras. Eis quando a Hierarquia Eclesiástica, face à má qualidade das traduções e à impreparação dos leigos para entender os textos sagrados, deita mão das medidas mais drásticas com o fim de impedir a sua tradução e leitura. A carta de Inocêncio III ao Bispo de Metz (1199) inaugura a longa cadeia de proibições de traduzir e de ler as sagradas escrituras. Ainda em 1486 o bispo de Mogúncia, Berthold von Henneberg, proíbia determinantemente a tradução da Sagrada Escritura e de livros litúrgicos, argumentando: «caso a língua alemã será capaz de traduzir aquilo que os sumos escritores, tanto gregos como latinos, souberam escrever de forma tão excelente sobre as mais elevadas verdades cristãs e sobre as ciências? Temos de admitir que a pobreza da nossa língua é totalmente insuficiente» (cf. E. BARAGLI, *Comunicazione e Pastorale*, 94-96).

⁷ Cf. E. BARAGLI, *Comunicazione e Pastorale*, 98-100.

3. O teatro: A expressão teatral é usada não só para configurar as celebrações litúrgicas («verba visibilia» são os sacramentos, segundo Agostinho), mas também para fins didáctico-pastorais. Muitos exemplos poderiam ser citados. Recorde-se, pela sua especial importância didáctico-humanística e pastoral, o «teatro jesuítico».

Todavia, não podemos deixar de o assinalar, é precisamente no mundo do teatro que começa a esboçar-se, na Idade Média, a preocupação e a prática censória da Igreja, em defesa da fé e da moral, de início contra a licenciosidade e violência de certo teatro popular medieval⁸.

4. A Imprensa: A Igreja apercebe-se rapidamente da importância civilizacional da invenção de Gutenberg (1440). De facto, é ela a instituição que mais decidida e decisivamente contribui para a rápida expansão da imprensa por todo o orbe cristão, através da vasta rede de abadias, sedes episcopais e universidades. Assiste-se a uma veloz divulgação dos livros sagrados, dos clássicos gregos e latinos e dos textos escolásticos, imprimindo-se, assim, um poderoso impulso ao progresso da cultura e da ciência. Todavia, a aceleração deste processo, a ritmo exponencial, cujo principal motor foi a Igreja, paradoxalmente irá cavar um fosso cada vez mais largo entre as instâncias eclesiásticas e o mundo. Enrico Baragli caracteriza-o de «atraso psico-sociológico» da Hierarquia Eclesiástica, que levará cinco séculos para ser colmatado⁹. O problema desta é, com efeito, como tutelar agora (com uma imprensa incontrolável e ao serviço da propaganda reformadora e do espírito moderno) a pureza da fé e dos costumes?

A 17 de Março de 1479, Sisto IV, com o Breve «Accepimus litteras vestras», aprova e apoia as medidas tomadas pela Universidade de Colónia contra «os livros infestados de heresia»¹⁰. Poucos anos depois, em 1486, o arcebispo de Mogúncia, Berthold von Henneberg, dá vida ao primeiro gabinete de «censura prévia». No

⁸ Sobre o teatro religioso cf. *ibid.*, 100 s.; A. DÖRRER, *Schauspiel, geistliches*, in *LThK* 9, Freiburg 1964, 373-375 (bibl.). A importância da linguagem teatral para a Teologia transparece de uma forma vigorosa da recente obra de HANS URS VON BALTHASAR, *Theo-Dramatik I-IV*, Einsiedeln, 1973 ss.

⁹ Cf. E. BARAGLI, *op. cit.*, 102. Sobre o significado da viragem cultural causada pela invenção de Gutenberg cf. *ibid.*, 94-98; M. McLUHAN, *La galaxie Gutenberg face à l'ère électronique. Les civilisations de l'âge oral à l'imprimerie*, Mame 1967; P. BABIN-M. McLUHAN, *Era electrónica — um novo homem — um cristão diferente* [*Autre homme, autre chrétien, à l'âge électronique*], Lisboa, 1978, 41-64.

¹⁰ Cf. o Breve *Accepimus litteras vestras*, n. 1, de Sisto IV, de 17 de Março de 1479.

ano seguinte, a constituição «Inter multiplices» de Inocêncio VIII define as regras que, durante os próximos cinco séculos, irão regulamentar o mundo do livro e das publicações: produção, comércio e leitura. A constituição «Inter sollicitudines» de Leão X (1515), as decisões do Concílio de Trento (3.º período: 1562/63), o «Index» de Pio IV (1564), a Constituição «Sollicita ac provida» de Bento XIV (1753), a Constituição «Officiorum ac munerum» de Leão XIII e o «Codex Iuris Canonici» de 1917 limitam-se a adaptá-las aos tempos¹¹.

Estes documentos do Magistério Eclesiástico, tendo em mira unicamente a integridade do depósito das verdades da fé e a pureza dos costumes, limitam-se a assinalar os danos, a prevenir contra os perigos e a adoptar medidas proibitivas e repressivas. Nenhum deles se ocupa dos delineamentos teológicos sobre a imprensa ou, em geral, sobre os meios da comunicação social.

A este respeito, é bem elucidativo o n.º 1 da «Inter multiplices» de Inocêncio VIII:

«Entre os múltiplos cuidados da nossa solicitude, no nosso múnus pastoral, aparece em primeiro lugar o de procurar que tudo quanto de bom e de útil seja inventado, no nosso tempo, em conformidade com a fé católica e com a moral, seja, não só conservado e incrementado, mas também legado às gerações vindouras: e que, por outro lado, tudo o que seja prejudicial, condenável ou ímpio seja cortado e erradicado de forma a não mais poder brotar; de maneira que no campo do Senhor e na vinha do Onnipotente se cultive só o que possa servir de nutrimento espiritual às mentes dos fiéis. Seja, pois, arrancada a sizânia e podada toda a esterilidade»¹².

Não menos significativo é o próêmio da «Inter sollicitudines» de Leão X:

«Pela leitura dos livros, o progresso das letras é facilmente incrementado. Nos nossos dias, a arte de imprimir livros, inventada, desenvolvida e aperfeiçoada com a ajuda de Deus, revelou-se muito útil aos homens, principalmente porque, com pouca despesa, permite multiplicar os livros, por meio dos quais as mentes rapidamente se exercitam no cultivo das letras, e os homens — especialmente os católicos, cujo número a Igreja Romana deseja ver multiplicar-se — podem mais facilmente aprender as línguas, tornando-se, assim, mais capacitados para instruir os infieis na religião, trazendo-os pela doutrina da fé à família dos fiéis»¹³.

¹¹ Cf. E. BARAGLI, *op. cit.*, 102 s.

¹² Texto latino e tradução italiana em E. BARAGLI, *op. cit.*, 103.

¹³ Tradução italiana em E. BARAGLI, *op. cit.*, 103, nota 16.

Em suma, embora reconhecendo o valor humanista e apostólico dos meios da comunicação social, em particular da imprensa, «os homens da Igreja — comenta Enrico Baragli — preferiram insistir *exclusivamente nos danos* provocados e nos perigos do uso da *liberdade feita libertinagem* e confiavam exclusivamente nas medidas proibitivas e repressivas [...]. Tal conduta, muito embora de acordo com os tempos e ditada pelo sentido de defesa do bem comum, acabou por imprimir neles o ferrete de inimigos da liberdade e do progresso»¹⁴. «Dir-se-ia hoje — sublinha o mesmo autor — que a estes homens faltou o discernimento dos 'sinais dos tempos'»¹⁵.

Segundo período: da imprensa periódica ao Conc. Vat. II

O «jornal», a «rádio» e a «televisão», se, por um lado, oferecem à Igreja poderosos instrumentos de comunicação social, por outro, colocam-na diante de novos e ingentes problemas e desafios, aos quais ela é obrigada a dar respostas cada vez mais claras, sistemáticas e fundamentantes. Perante tais reptos a atitude da Igreja veio-se modificando e o seu discurso ao longo dos últimos dois séculos tornou-se positivo e optimista.

1. O Jornal: O aparecimento do jornal moderno surpreende a Igreja em plena época restauracionista (2.º quartel do séc. XIX), fortemente empenhada quer na frente interna quer na externa. À semelhança do que se passara no século XVI, em que a propaganda antipapista se serve maciçamente do panfleto, agora, no século XIX, o mundo laico anticlerical utiliza o jornal para desferir o seu violento ataque às instituições eclesiásticas. Neste contexto as tomadas de posição do Magistério Eclesiástico, tendo em mira a refutação dos ataques anticlericais e as intemperanças ou desvios de alguma imprensa católica, são predominantemente pessimistas. Raras vezes mencionam as iniciativas pioneiras que, felizmente, se vinham multiplicando no campo católico. Dum modo geral, consideram a imprensa como fonte de todos os males políticos, religiosos e morais do século. «Os documentos — escreve Baragli — quase ignoram que a imprensa, sob a forma de jornalismo, já

¹⁴ E. BARAGLI, *op. cit.*, 107 s.

¹⁵ E. BARAGLI, *op. cit.*, 107.

não se identificava com a cultura clássica, mas com a informação em sentido moderno, autêntico 'quarto poder' enquanto expressão e factor polarizante das opiniões públicas, bem como animador das mesmas»¹⁶. Tal mentalidade transparece nitidamente das encíclicas «Mirari vos» (1832) e «Singularis vos» (1834), que Gregório XVI escreveu contra «L'Avenir» de Laménais.

Pio IX, porém, apercebendo-se do poder do periodismo, estimula o aparecimento da 'imprensa católica' como barreira à imprensa anticlerical¹⁷. Sob este novo signo surge, em Roma, a revista «La Civiltà Cattolica» (1850) e o diário «L'Osservatore Romano» (1861). Por todo o mundo católico, a «boa imprensa» ergue-se qual muralha inexpugnável à volta da Igreja. Ainda na última passagem de século, Pio X reforçando o pensamento do seu antecessor recorda aos católicos a necessidade de opor imprensa a imprensa, em duelo aberto entre o bem e o mal¹⁸.

As primeiras referências positivas ao jornalismo terão por autor Pio XII. «E para se ler um reconhecimento explícito da informação e da opinião pública — escreve Baragli — como realidades sociais, a não menosprezar, e como 'sedes' de direitos e de deveres individuais e colectivos, é necessário esperar pelo Concílio Vaticano II, se não mesmo pelo pós-Concílio»¹⁹.

2. O Cinema: Durante longos decénios as instâncias eclesiásticas comungaram do desdém burguês pelo cinema (espectáculo vulgar). Só 40 anos após o seu nascimento mereceu a atenção do magistério papal através da Encíclica «Vigilanti cura» de Pio XI. Esta, sem deixar de alertar para a ambivalência cultural e moral do cinema, encara-o de uma forma nitidamente positiva e enquadra-o correctamente como comunicação²⁰. Nesta linha, o contributo de Pio XII será marcante e válido até aos dias de hoje. Em dois discursos dirigidos a homens do mundo do cinema (1955) oferece

¹⁶ E. BARAGLI, *op. cit.*, 108.

¹⁷ Cf. a Encíclica *Nostis et nobiscum* (8 de Dez. de 1849) de Pio IX: «Ad ipsam vero pravorum librorum contagionem comprimendam perutile erit, venerabiles fratres, ut quicumque penes vos sint insignis sanaeque doctrinae viri alia parva item molis scripta, a vobis scilicet antea probata, edant in aedificationem fidei, ac salutarem populi instructionem» (n. 485).

¹⁸ Cf. E. BARAGLI, *op. cit.*, 251.

¹⁹ E. BARAGLI, *op. cit.*, 109. Para um conhecimento mais pormenorizado das posições do Magistério Eclesiástico acerca da imprensa consultar o capítulo *La stampa* da mesma obra (pp. 243-274).

²⁰ Sobre a história, estrutura, doutrina e alcance da «Vigilanti cura», consultar E. BARAGLI, *op. cit.*, 110-113.

um verdadeiro tratado psico-sociológico e ético-moral sobre a expressão, produção e distribuição cinematográfica²¹, retomado e reforçado em 1957 na Encíclica «Miranda prorsus».

3. Rádío e Televisão: Estes instrumentos da comunicação social nascem numa época em que as instituições eclesiásticas estão especialmente despertadas para o mundo da comunicação social. razão por que mereceram, desde o início, uma particular atenção que, ultrapassando os tradicionais problemas sócio-culturais e ético-pastorais, tem em mira uma reflexão sobre os conteúdos e sobre o próprio fenómeno da comunicação²². Surgem, com efeito, os grandes documentos e com eles as primeiras tentativas de fundamentação teológica da comunicação humana, seus meios e instrumentos. Recorde-se a Encíclica «Vigilanti cura», que Pio XI dedicou ao cinema, e a Encíclica «Miranda prorsus», que Pio XII dedicou ao cinema, à rádio e à televisão. Estas constituirão um ponto de referência obrigatório para a reflexão conciliar e pós-conciliar condensada no Decreto «Inter mirifica» do Concílio Vaticano II e na Instrução Pastoral «Communio et progressio» de Paulo VI.

É de assinalar que a Encíclica «Miranda prorsus», ainda pré-conciliar, se ocupa, pela primeira vez e de forma global, do cinema, da rádio e da televisão, à luz da fenomenologia da comunicação e da informação²³.

4. E m s u m a , Pio XI e Pio XII representam uma viragem importante no posicionamento do Magistério Eclesiástico face à comunicação social, seus meios e instrumentos. Com efeito, abandona-se a barricada e passa-se a vê-los como valores insubstituíveis

²¹ O primeiro foi dirigido aos representantes da indústria cinematográfica italiana, a 21 de Junho de 1955, e o segundo à Assembleia da União Internacional dos Produtores de Cinema e à Federação Internacional dos Distribuidores de Filmes, a 28 de Outubro do mesmo ano (cf. E. BARAGLI, *op. cit.*, 113).

²² É curioso notar que as primeiras referências de Pio XI à rádio (de 1928 e 1929) se pautaram pela desconfiança tradicional pelos meios da comunicação social. A «radiofonia» é, para ele, um sector no qual se deve concentrar a luta dos homens católicos contra a imoralidade. Na Encíclica *Divini illius Magistri*, embora reconhecendo a sua grande utilidade para a instrução e educação, considera-a de ocasião para novos naufrágios morais e religiosos. O seu entusiasmo deve-se ao sucesso das suas primeiras experiências radiofónicas na Rádio Vaticana (cf. FERNANDO BEA, *Qui radio vaticana. Mezzo secolo della radio del Papa*, Roma 1981; E. BARAGLI, *op. cit.*, 324 s.).

²³ Segundo E. BARAGLI, a *Miranda prorsus* é um «vero trattatello pastorale, non superato neanche dal Magistero post-conciliare» (*op. cit.*, 326). A maior novidade desta encíclica consistiu no enquadramento social destes instrumentos ao serviço da comunicação e informação humanas (cf. nota seguinte).

para a sociedade e para a Igreja. Põe-se em primeiro plano a sua alta utilidade para o bem comum, à luz da qual se incitam os homens ao seu bom uso e se estimula a participação activa dos católicos nesse campo. É ainda (e só) à luz do bem comum (numa perspectiva positiva) que se mencionam os perigos e os danos do mau uso e que se faz apelo à consciência moral e à responsabilidade social dos promotores e comunicadores²⁴.

Embora seja notória a inexistência de uma reflexão dogmática explícita, devemos reconhecer que semelhante caminhada não teria sido possível sem uma nova sensibilidade teológica que em breve dará os primeiros frutos.

Terceiro período: Concílio e pós-concílio

Do período conciliar e pós-conciliar apresentam-se à nossa consideração o Decreto «*Inter mirifica*» do Concílio Vaticano II e a Instrução Pastoral «*Communio et progressio*» que Paulo VI encomendou, aprovou e fez publicar.

1. «*Inter mirifica*»

O segundo documento dimanado do Concílio é o Decreto «*Inter mirifica*» sobre os Instrumentos da Comunicação Social²⁵, cujo mérito principal consistiu em reunir num só corpo doutrinal o magistério anterior sobre os diferentes meios e instrumentos da comunicação social²⁶.

²⁴ A este propósito Pio XII expressa-se da seguinte forma: «Por tantos séculos prisioneiros do espaço, os homens podem finalmente levar a sua voz aos semelhantes onde quer que se encontrem, além mares e continentes ou na imensidão dos oceanos e nas alturas dos céus. Falam-se e vêem-se sobre a face da terra toda; o mundo apresenta-se como a casa dos homens, onde ressoam as suas vozes. Assim, é inevitável, mas ao mesmo tempo consolador, que, conhecendo-se melhor e dialogando mais directamente entre si, os homens compreendam mais profundamente a grande lei da solidariedade, que vincula fraternalmente os espíritos, apesar das diferenças de raças, culturas e interesses. De igual forma as comunicações rápidas ajudam a clarificar o problema fundamental da coexistência e convivência harmoniosa entre os povos e a aplanar os contrastes; a suscitar a consciência da responsabilidade moral naqueles a quem incumbe o dever de, nos organismos internacionais, tornar efectiva a colaboração entre as nações» (*Miranda prorsus*, n. 1662).

²⁵ A sua designação oficial é: *Decretum de Instrumentis Communicationis Socialis*, aprovado e promulgado por Paulo VI a 4 de Dezembro de 1963 e publicado em *Acta Apostolicae Sedis* 56, (1964), 145-157.

²⁶ Sobre o Decreto «*Inter mirifica*» cf. E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale* 114-124 (bibliografia na pág. 131); id., *L'Inter mirifica: Introduzione, Storia, Discussione, Commento e Documentazione*, Roma 1969; id., *Difendo l'Inter mirifica*, Roma 1974; K. SCHMIDTTHÜS, *Einleitung*

Este documento começa por exaltar o engenho humano, cujas «maravilhosas invenções» abriram «novos caminhos» à comunicação humana (IM 1). Os instrumentos da comunicação social, fruto e objecto do contínuo progresso tecnocientífico, são vistos como «ajuda valiosíssima ao género humano» e como meios eficazes «para propagar e consolidar o Reino de Deus». A sua ambivalência, porém, é motivo de preocupação para o Concílio, na medida em que o seu mau uso é fonte de graves danos para a sociedade. Através da apresentação clara da sua doutrina e disciplina, o Concílio deseja prevenir contra os perigos e pretende contribuir para que os instrumentos da comunicação social sirvam o bem dos cristãos e promovam o progresso da sociedade (IM 2).

O Decreto «Inter mirifica», do ponto de vista teológico, não representa qualquer progresso em relação aos documentos anteriores do Magistério. A ala francesa do Concílio criticou-o severamente pela falta de fundamentação teológica, filosófica e sociológica²⁷. A tal propósito Enrico Baragli opina que, ao tempo, «na Igreja não existia (como ainda hoje [1974] não existe) uma teologia 'recepta' dos mass-media, nem era tarefa do concílio criá-la; de igual forma não existia no mundo cultural, mesmo laico, como ainda hoje não existe, um 'corpus receptum' filosófico e sociológico sobre os mesmos, nem era obrigação do Concílio elaborá-lo»²⁸. Aliás, isto mesmo foi declarado pela X Comissão Conciliar: «Ainda não existe uma teologia segura sobre as realidades sensíveis que possa servir de base aos instrumentos da comunicação social; pela mesma

und Kommentar zum Dekret über die sozialen Kommunikationsmittel, in *Lexikon für Theologie und Kirche: Das Zweite Vatikanische Konzil. Dokumente und Kommentare. Teil I.*, Herder, Freiburg-Basel-Wien 1966, 111-135; O. B. ROEGELE, *Das Konzilsdekret «Über die Werkzeuge der sozialen Kommunikation»*, in *Publizistik* 9, (1964), 305-347; E. GABEL, *Kommunikationsmittel*, in *Sacramentum Mundi II.*, Herder, Freiburg-Basel-Wien, 1968, 1388 s. (bibliografia nas colunas 1394-1396).

²⁷ À crítica francesa associa-se a americana e a alemã. Os americanos criticam o Decreto por favorecer o poder censório do Estado, pelo seu moralismo asfixiante, pela sua concepção «ghettista» da produção católica e pela omissão acerca da liberdade de informação no interior da Igreja. Os alemães consideram-no excessivamente preocupado com os direitos da Igreja e com a preponderante intervenção do clero; acham que deixa pouca margem aos leigos e à iniciativa local (cf. E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale*, 117 s.; id., *L'Instruzione Pastorale «Communio et Progressio»* 14; K. SCHMIDTHÜS, *Einleitung und Kommentar*, 112-115; E. GABEL, *Kommunikationsmittel*, 1388).

²⁸ E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale*, 123. Em virtude das suas graves lacunas, algumas das quais significam um regresso a posições anteriores a Pio XII, por um lado, e do seu tom fortemente clerical, por outro, o presente Decreto não registou uma boa recepção. Sobre as críticas e a polémica à volta da IM ver pormenores em E. BARAGLI, *op. cit.*, 117-124 (e nas outras obras do mesmo autor citadas acima, na nota 23) e em K. SCHMIDTHÜS, *Einleitung und Kommentar*, 112-115. 117-122.

razão faltam as premissas para a elaboração das bases teológicas desejadas para o Decreto». O relator do esquema, mons. René Stourm, afirmou em plena aula: «Falta-nos ainda o desejável contributo dos teólogos para tão importante sector da Igreja». E o Cardeal Emile-Paul Léger acrescentou: «Trata-se de um assunto [...] que ainda não foi objecto de estudos filosóficos e teológicos suficientes»²⁹.

Por outro lado (impõe-se reconhecê-lo), este Decreto, pela sua anterioridade, não pôde desfrutar das aquisições teológicas posteriores do Concílio que se foram condensando, particularmente, na «Lumen Gentium», e na «Gaudium et Spes»³⁰. Os frutos desta clarificação teológica serão colhidos, em benefício da comunicação social, pela Instrução Pastoral «Communio et progressio».

2. «Communio et progressio»

Em cumprimento de um preceito do Concílio Vaticano II³¹, Paulo VI, a 2 de Abril de 1964, confia à *Comissão Pontifícia para a Comunicação Social* a elaboração de uma Instrução Pastoral³², que

²⁹ Testemunhos colhidos de E. BARAGLI, *op. cit.*, 136, nota 10. Baragli recolhe na nota seguinte uma série de testemunhos autorizados para fundamentar a sua tese, segundo a qual, ao tempo da discussão conciliar, não havia uma fundamentação teórica (filosófica, teológica ou sociológica) dos *mass media*. Cita, para os U.S.A., P. L. LAZARFELD e R. K. MERTON, in *L'industria della cultura*, Milão 1969, 201; para França, J. TARDIEU, *Grandeur et faiblesse de la radio*, Paris 1969, 30 («La science moderne, contemporaine des monstres qu'elle vient d'engendrer, est, ici encore, en retard, quant à l'observation de leur comportement et de ses effects. Elle n'a risqué, jusqu'à présent, que quelques sporadiques et timides tentatives pour y parvenir»); para a Bélgica, V. BACHY, in *Existence humaine et communication sociale*, Lovaina 1969, 1 («Dans ce domaine le passé scientifique n'existe pas, la méthodologie manque, la tradition universitaire fait défaut. Tout est à créer, à découvrir, à construire»). Todavia, contrariamente à opinião de E. Baragli, K. Schmidthüs pensa que o Decreto não esteve à altura dos dados científicos então disponíveis (cf. o texto citado na nota seguinte, n. 27).

³⁰ A este propósito acho significativa a opinião de K. SCHMIDTHÜS, *op. cit.*, 115: «Als seine Hauptschwächen werden allgemein angesehen, dass es einmal wegen seiner frühen Beratung und Verabschiedung im Konzil die von diesem in seinem weiteren Verlauf erarbeiteten und formulierten Erkenntnisse über das Wesen der Kirche und ihr Verhältnis zur Welt nicht berücksichtigt und dass seine Ausführungen deshalb einen Charakter haben, den man mit Recht 'präkonziliar' genannt hat, dass es zum anderen dem Stande der in der Wissenschaft vor sich gehenden Diskussion nicht entspricht. Es steh also weder auf der Höhe der konziliären noch auf der der allgemeinen wissenschaftlichen Diskussion».

³¹ Cf. *IM* 23: «Ut universa huius Sanctae Synodi principia et normae de instrumentis communicationis socialis ad effectum deducantur, de expresso mandato Concilii, Instructio pastoralis edatur».

³² Com o motu proprio «*In fructibus multis*», de 2 de Abril de 1964, Paulo VI dá cumprimento aos nn. 19 e 23 da «*Inter mirifica*», primeiro, transformando a Comissão Pontifícia para a Cinematografia, Radio e Televisão em Comissão Pontifícia para a Comunicação Social e, em segundo lugar, confiando-lhe a elaboração da instrução pastoral.

virá a lume, sete anos mais tarde³³, sob a designação de «Communio et progressio»³⁴.

Tendo em conta as críticas à falta de fundamentação teórica do Decreto «Inter mirifica», a presente instrução, apesar do seu carácter pastoral (aplicação dos princípios e normas da «Inter mirifica»), consagra toda a primeira parte ao enquadramento teológico da comunicação social, seus meios e instrumentos³⁵. Por vez primeira procede-se, com efeito, a uma tentativa de legitimação e compreensão teológicas destas realidades.

A necessidade de uma fundamentação teológica tornou-se palpável e urgente em plena aula conciliar por ocasião dos acesos debates em torno da «Inter mirifica». Todavia, nem os autores das críticas, nem os teólogos presentes conseguem delinear o mais elementar enquadramento de base³⁶.

Apesar da sentida lacuna e do desafio lançado pelo Concílio à Teologia, não (me) consta que qualquer dos mais destacados teólogos conciliares e pós-conciliares lhe tenha prestado atenção. De facto, em vão se percorre a vasta bibliografia de Karl Rahner, Yves Congar, Hans Küng, Walter Kasper, entre outros. As diversas tentativas conhecidas devem-se a pessoas mais ligadas à comunicação social do que à Teologia. Quase todas elas sofrem de parcialismo, porque

³³ Sobre a história da instrução ver a introdução de E. BARAGLI à *L'Istruzione Pastorale «Communio et Progressio», Introduzione e traduzione di Enrico Baragli, SRCS, Roma 1971, 7-20; e também E. BARAGLI, Comunicazione e pastorale, 124 s.*

³⁴ A sua designação oficial é: *Instructio Pastoralis ad Decretum Concilii Oecumenici Vaticani II de Instrumentis Communicationis Socialis rite applicandum de mandato eiusdem Concilii exarata*, promulgada a 23 de Maio de 1971 e publicada em *A.A.S. (1971), 593-656*. Recentemente o Secretariado Geral do Episcopado publicou uma tradução portuguesa em *Os meios de comunicação social na visão da Igreja*, ed. S.G.E./A.O., Lisboa-Braga, 1984, 19-92.

A abundante bibliografia suscitada pela Instrução é a sua melhor recomendação. Mencionamos: E. BARAGLI, *Introduzione à L'Istruzione Pastorale «Communio et Progressio», SRCS' Roma 1971, 7-20* (vejam-se as reacções da imprensa na p. 13, nota 11); id., *Comunicazione e pastorale, 124-129* («Contrariamente al Decreto conciliare, questa Istruzione è stata accolta con quasi unanime plauso dalla stampa, anche laica; ed a ragione, perchè può giustamente ritenersi la *Magna Carta* cattolica odierna delle 'comunicazioni sociali'» p. 127; ver na nota 44 as reacções da imprensa mundial e na p. 131 a bibliografia); *Pastoral-instruktion «Communio et Progressio» mit Kommentar von H. Wagner*, Trier, 1971; H. WAGNER, *Das Ende der katholischen Presse*, Aschaffenburg, 1972; id. *Kommunikation*, in *Lexikon der Pastoraltheologie*, hrsg. v. F. Klostermann, K. Rahner, H. Schild, Herder, Freiburg-Basel-Wien, 1972, 272-276.

³⁵ A primeira parte da «Communio et progressio» tem por epígrafe: «*Communicationis socialis instrumenta in christiano rerum prospectu: elementa doctrinae*».

³⁶ Ainda a sugestão mais válida foi a de Mons. G. M. Garton, segundo a qual a matéria da *Inter mirifica* deveria passar para a *Gaudium et spes*, onde encontraria um contexto teológico adequado: «*Non potest Schema hoc nisi in contextu Schematis XVII praesentari, cuius pars est et in cuius contextu penitus revisendum erit*» (cit. por E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale, 136, nota 8*).

elaboradas na perspectiva de um só instrumento ou de um só aspecto da complexa realidade.

Ao longo dos sete anos que medeiam entre a «Inter mirifica» e a «Communio et progressio», há quem tente uma aproximação na perspectiva da evangelização³⁷, na perspectiva semiótico-sacramental³⁸, na perspectiva logológica³⁹, na perspectiva da revelação natural e sobrenatural⁴⁰, na perspectiva de uma antropologia relacional⁴¹, na perspectiva das virtudes teológicas⁴², na perspectiva de uma cristologia cósmica⁴³. Não se pode falar de uma teologia da comunicação social, seus meios e instrumentos, porque de fragmentos teológicos se trata⁴⁴.

E a teologia da comunicação social proposta pela «Communio et progressio» será minimamente aceitável?

Registe-se, como primeiro dado positivo, altamente significativo, a intenção teológica da própria designação: «*Communio et progressio*». Qual farol, mantém-se, ela, ao longo de todo o documento como ponto de referência extremamente luminoso. Após cinco séculos de preocupação, solicitude apostólica, vigilância atenta (por vezes intransigente e intolerante) e de moderado apreço⁴⁵, o Magistério Eclesiástico, apoiado no trabalho interdisciplinar de elevado número de especialistas⁴⁶, consegue, por fim, dar aos instrumentos da comunicação social um estatuto teológico aceitável⁴⁷. Salientarei os seguintes pontos:

³⁷ Cf. E. GABEL, *La communication sociale. Approche théologique*, in *L'enjeu des média*, Paris 1971; L. LAGONA CASTAN, *Teología de la información*, Madrid, 1956.

³⁸ Cf. C. BEAUVALET, *Les séminaires au temps de l'image*, in *Dynamique chrétienne de la communication moderne*, TOULOUSE 1966.

³⁹ Cf. R. PANIKKAR, *Teologia e mezzi di comunicazione sociale*, in *Studi Cattolici* 37, (1963), 11-32.

⁴⁰ Cf. L. BINI, *Teologia e mezzi audiovisivi*, Milão, 1970.

⁴¹ Cf. E. CARONTINI, *Existence humaine et communication sociale*, Lovaina 1969.

⁴² Cf. J. W. MOLE, *Citoyen et chrétien face à la révolution des communications*, Québec, 1969.

⁴³ Cf. F. HITZ, *En attente d'une théologie des moyens de communication sociale*, in *Perspectives de catholicité*, 1965, nn. 2-3, 213-237.

⁴⁴ Sobre a teologia dos meios da comunicação social consultar a bibliografia fornecida por E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale*, 148 s.; E. GABEL, *Kommunikationsmittel*, 1394-1396; O. B. ROEGELE-G. BAUER, *Kirche und Massenmedien*, in *Handbuch der Pastoraltheologie Bd. II/2*, Herder, Freiburg 1971², 285 s. 295 s.

⁴⁵ Lembremos a «Inter multiplices» de Inocêncio VIII (1487); a «Inter sollicitudines» de Leão X (1515); a «Sollicita ac provida» de Bento XIV (1753); a «Vigilanti cura» de Pio XI (1936); a «Miranda prorsus» de Pio XII (1957); a «Inter mirifica» do Con. Vat. II (1963).

⁴⁶ Para fazer uma ideia da complexidade de tratamento cf. E. BARAGLI, *Introduzione*, 8 s.; id., *Comunicazione e pastorale*, 124 s.

⁴⁷ Tal era o sentir comum no IX Congresso Mundial da *Union Catholique Internationale de la Presse* (U.C.I.P.), realizado no Luxemburgo de 14 a 18 de Julho de 1971, sobre o tema:

1. Comunicação social e solidariedade humana

A reflexão teológica toma como ponto de partida o conceito sociológico de comunicação, «no qual todo o documento se inspira e para o qual tende»⁴⁸. Por um lado — constata-se — a comunicação social e os instrumentos que utiliza desempenham um papel insubstituível no mundo das relações sociais que, por sua acção, se intensificam e se estreitam («a comunhão e o progresso da sociedade humana são os [seus] fins primários»⁴⁹); por outro lado, reconhece-se que é seu «escopo excelso» identificar os problemas e as aspirações da sociedade humana para que sejam satisfeitas e assim os homens se unam por laços de fraternidade cada vez mais estreitos (CP 6).

A natureza social da comunicação irá, pois, situar os instrumentos da comunicação no âmbito da doutrina cristã sobre a vida social, e conseqüentemente na área da Antropologia Teológica, cujo conceito-base de «relação» servirá para legitimá-los teologicamente.

A opinião pública na Igreja, como transparece nitidamente da expressão «base théologique solide» atribuída por *La Croix*, de 20 de Julho, ao Secretário Geral do Congresso, Mons. Iribarren.

⁴⁸ E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale*, 145 s. O conceito-chave de «comunicação» está no centro da reflexão eclesial sobre a comunicação social desde a Encíclica *Vigilanti cura* de Pio XI. Pio XII usou-o de forma sistemática no seu magistério, particularmente na Encíclica *Miranda prorsus* (cf. acima, nota 21). O decreto *Inter mirifica* do Concílio Vat. II situa-se nesta tradição, mas não aprofunda o conceito, nem avança com uma reflexão teológica sobre ele. Este conceito, porém, ocupa um lugar central no vasto e profundo magistério de Paulo VI, como resulta patente do exaustivo trabalho de M. Ajassa, *I mezzi della comunicazione sociale e la sfida formativa del nostro tempo*, in *L'annuncio del Vangelo oggi. Commento all'Esortazione Apostolica di Paolo VI «Evangelii Nuntiandi»*, Pont. Univ. Urb., Roma 1977, 555-590.

⁴⁹ CP 1; cf. nn. 19 e 44. Acentuaram o carácter socializante dos instrumentos da comunicação social a Encíclica *Mater et Magistra* 58 e a Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II *«Gaudium et spes»* 25 e 75. Sobre o assunto cf. E. GABEL, *Kommunikationsmittel, 1385-1389* (depois de reconhecer a ambigüidade da comunicação social prossegue: «Und dennoch vertrauen wir darauf, dass sich das Bewusstsein langsam vertiefen und dass diese Solidarität nicht oberflächlich bleiben, sondern sich bis zu einem Engagement für eine gerechtere, freiere und brüderlichere Welt entwickeln wird. Dies ist für die Menschheit fast eine biologische Notwendigkeit», 1387); H. WAGNER, *Kommunikation II. Massenmedial*, in *Lexikon der Pastoraltheologie*, hrsg. v. F. Klostermann-K. Rahner-H. Schild, Herder, Freiburg, 1972, 273. 276; id., *Pastoralinstruktion «Communio et Progressio» mit Kommentar von H. Wagner*, Trier, 1971; id., *Das Ende der katholischen Presse*, Aschaffenburg, 1972.

2. Participação na obra da criação

Os instrumentos da comunicação social, como realidades terrestres, são «dons de Deus»⁵⁰, ordenados pela Providência a irmanar os homens para que colaborem com a Sua vontade salvadora⁵¹.

À luz do mandato divino de «possuir e dominar a terra» (*Gen.* 1, 26-28), através do qual Deus torna o homem participante da sua capacidade criadora e lhe confia o encargo de modelar (criar) o seu próprio universo, os instrumentos da comunicação social são vistos pela Instrução: a) como fruto maduro e saboroso do poder criador do homem, verdadeiros prodígios da tecnociência, pelos quais a Igreja manifesta sincera admiração e por eles se eleva em acto de louvor ao Criador⁵²; b) como instrumentos eficazes para o ulterior

⁵⁰ CP 2. A Instrução vai buscar este enquadramento à Encíclica *Miranda prorsus* (A.A.S. 49, [1957], 765) de Pio XII. O enquadramento dos instrumentos da comunicação social simultaneamente como realidades sociais e como dons de Deus pressupõe a «teologia das realidades terrestres» elaborada ao longo dos anos trinta, quarenta e cinquenta (cf. F. ARDUSSO-G. FERRETI-A.M. PASTORE-U. PERONE, *La teologia contemporanea. Introduzione e brani antologici*, Marietti, Turim, 1980, 18 s. 23 s.).

⁵¹ Cf. CP 2: «In iis reperit Ecclesia 'dona Dei', quippe quae secundum providentissimam Dei consilium homines inter se fraterna necessitudine concilient ut hi cum salutifera Eius concurrant voluntate».

⁵² Superado o antagonismo entre natural e sobrenatural, entre mundo sacro e mundo profano, por mérito da «teologia das realidades terrestres», o Magistério Eclesiástico deixou de ter dificuldade em encarar de forma positiva a ciência, a técnica e o seus instrumentos. E. GABEL, (*Kommunikationsmittel*, 1388) constata: «Die Haltung der Kirche gegenüber der sozialen Kommunikationsmitteln ist heute positiv, ja sogar optimistisch. [...] Die Kirche bringt also der Wissenschaft und Technik weder Argwohn noch Gleichgültigkeit, sondern vielmehr Bewunderung entgegen». Impressiona o apreço, a admiração e até o entusiasmo que Paulo VI expressa pelos instrumentos da comunicação social em numerosos documentos e discursos. A título de exemplo citamos: Discurso «Grande satisfação» aos membros da Comissão Pontifícia para a Comunicação Social, a 5 de Junho 1970 (AAS, 1970, 508-512); Mensagem «*Ora voi tutti*», (in *Osserv. Romano*, de 9/12/1965); Colóquio com os fiéis na Praça de S. Pedro, a 23/5/1971 (in «*Insegnamenti di Paolo VI*», 1971, p. 464); Colóquio com os fiéis na Praça de S. Pedro (in «*Osserv Romano*», de 9-5-1969); Discurso «*En accueillant*», à Comissão Pontifícia para os Meios da Comunicação Social (in *Osserv. Romano*, de 29/11/68). Sobre o assunto recomendamos M. AJASSA, *I mezzi della comunicazione sociale*, 555-590. Ainda a título exemplificativo citamos dois textos de Paulo VI: «Bisogna fermarsi un momento ed ammirare. Rendiamo il nostro omaggio a tutti gli operatori di questo regno meraviglioso» (Colóquio com os fiéis na Praça de S. Pedro, in *Osserv. Romano*, 15-16/5/72). «Crediamo di sapere che era questo un ordine di pensieri, caro alle grandi menti dei nostri predecessori, non solo per i vantaggi pratici risultanti dall'impiego degli strumenti caratteristici del progresso umano, ma per il duplice onore che da essi deriva, all'uomo conquistatore dei segreti e delle forze della natura, e a Dio creatore della natura medesima, da Lui caricata di leggi nascoste. Tutto tu disponesti in misura, numero, dice il libro della Sapienza (Sap. 11, 21). Eravamo abituati noi uomini religiosi, ad ammirare, a cantare le magnificenze del creato, non sospettando (ecco lo scienziato che rimprovera il credente di cecità!), che esso fosse gravido di tanta intima complessità, mentre sapevamo che toccava all'uomo esplorarlo e dominarlo; ma il giorno che l'uomo scopre le profondità delle cose create il credente è il primo a goderne, anzi a farsi lui stesso studioso e collaboratore dello scienziato» (Discurso «*Salutiamo con piacere*», in A.A.S., 1971, 225-229).

cumprimento do referido mandato em virtude da sua alta capacidade para fazer circular os conhecimentos científicos e para incrementar a colaboração entre os homens⁵³.

3. O modelo trinitário

A «*Communio et progressio*» descobre uma convergência surpreendente entre os objectivos da comunicação social, vista na perspectiva sociológica, e o fim último da acção salvadora de Deus na história. De facto a comunicação social, através dos seus instrumentos, estabelece e cultiva a comunicação entre os homens, suscitando neles uma consciência comunitária cada vez mais viva e universal; e a intervenção salvadora de Deus na história, por seu lado, pretende, através do encontro e da comunicação, conduzir os homens à comunhão universal, cuja fonte e modelo é «o altíssimo mistério da eterna comunhão trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo, «qui unam agunt vitam divinan» («os quais realizam uma única vida divina», CP 8).

Portanto a comunicação unitiva entre as pessoas da Santíssima Trindade é o modelo primordial da comunicação humana, cujo fim último é a promoção da comunhão fraterna entre os homens à imagem e semelhança da própria comunhão intratrinitária.

4. O modelo cristológico

Verifica-se que «a comunicação social», como realidade humana, participa inevitavelmente da alienação que afecta a pessoa, a sociedade e a história. Daí a razão porque os instrumentos da comunicação social servem, muitas vezes, não o projecto de comunhão e de progresso entre os homens, mas a ruptura da comunicação, a desunião,

⁵³ Cf. CP 7. Neste número a Instrução retoma a doutrina do Concílio Vaticano II sobre a teologia da actividade humana (enquadrada à luz da teologia da criação) expressa nos nn. 34 e 57 da *Gaudium et spes* (cf. também, João XXIII, *Enc. «Pacem in terris»*, in *A.A.S.*, 55 [1963], 297; *Mensagem ao mundo*, dirigida pelos Padres no início do Conc. Vat. II, Outubro de 1962, in *A.A.S.*, 54 [1962], 283). É particularmente significativo o seguinte texto da *Gaudium et spes*: «Quando o homem, usando as suas mãos ou recorrendo à técnica, trabalha a terra para que ela produza frutos e se torne habitação digna para toda a humanidade, ou quando participa conscientemente na vida social dos diversos grupos, está a dar realização à vontade que Deus manifestou no começo dos tempos, de que dominasse a terra e completasse a obra da criação, ao mesmo tempo que se vai aperfeiçoando a si mesmo; cumpre igualmente o mandamento de Cristo, de se consagrar ao serviço de seus irmãos» (GS, 57).

a discórdia, a injustiça e a corrupção da pessoa e do género humano (CP 9). São ambivalentes. Por natureza vocacionados para a comunhão e para o progresso; por alienação, não poucas vezes, ao serviço do egoísmo de pessoas, grupos e sociedades. Susceptíveis de deterioramento, a relação humana e o instrumento que a serve.

A alienação existencial, que desde as origens afecta o homem, é, em última análise, um problema de comunicação. Traduz-se, de facto, numa ruptura do sistema de comunicação da pessoa, que assume formas de pseudo-comunicação com Deus, com o semelhante e com a natureza (CP 10).

Deus, porém, de acordo com a tradição judaico-cristã, irrompe no horizonte da história para propor ao homem, como solução, o modelo divino de comunicação. Tal projecto implica, em primeiro lugar, a instauração da comunicação entre Deus e o homem e, em consequência desta, a comunicação entre os homens, cuja finalidade será a paz e a comunhão fraterna. Assim, Deus constitui-se mediador do diálogo entre os homens e nesse papel empreende uma caminhada que irá culminar na encarnação do Verbo. Cristo, com efeito, mediador perfeito entre Deus e os homens e entre estes instaura a paz e a comunhão com Deus e estabelece e consolida a fraternidade entre os homens. Ele torna-se, assim, o modelo supremo da comunicação que gera a união e a comunhão na totalidade das suas dimensões: em direcção a Deus, ao próximo e ao mundo⁵⁴.

Cristo não é visto só como modelo de comunicação, na sua qualidade essencial de Verbo (Palavra de Deus), mas também, nas suas vestes humanas, como «comunicador». E como tal é considerado pela Instrução Pastoral «Communio et progressio» como «modelo perfeito de comunicador». À luz do mistério da encarnação ele é a forma humana da Palavra de Deus, digamos, a tradução humana perfeita (porque com rosto humano) da mensagem de Deus aos homens. Ele é o comunicador que se adapta da forma mais adequada ao receptor: «Quem me vê, vê o Pai» (Jo. 14, 9).

«Ele falava plenamente inserido no seu povo; proclamava a mensagem divina com intrepidez e perseverança, adaptando-se ao modo de

⁵⁴ Cf. CP 10: «Ipse ut unus mediator inter Patrem et homines pacem seu communionem cum Deo stabilit fraternamque societatem inter homines componit. Quo ex tempore altissimum fundamentum atque primum exemplar coniunctionis inter homines invenitur in Deo, qui Frater Humanus est factus quique discipulis deinde praecepit, ut bonum nuntium universis hominibus perferrent cuiusvis aetatis ac regionis (Mt. 28, 19) pronuntiantes 'in lumine' et 'super tecta' (Mt. 10, 27; Lc. 12, 3)».

falar, à mentalidade, ao estado e à situação das pessoas. De resto, 'comunicar' envolve algo mais do que a simples expressão e manifestação de ideias e de sentimentos. A comunicação só é plena quando implica a doação de si próprio pelo amor» (CP 11).

De facto, a sua palavra de união filial com Deus e fraterna com o próximo não é oca ou vã, pois veicula a própria realidade que significa. A sua palavra é «espírito e vida» (Jo. 6, 63). É eficaz. Exemplo concreto deste realismo é a Eucaristia, que, ao celebrar a comunhão universal, a efectiva realmente. Outro exemplo, mencionado pela Instrução, é a Comunidade dos irmãos, congregados pelo mesmo chamamento e unidos por um mesmo elo que é o Espírito Vivificante do Ressuscitado (I Cor. 15, 45), «qui est principium congregationis et unitatis» (CP 11).

5. Comunhão e progresso

O modelo trinitário de comunicação geradora de comunhão entre as pessoas traduz-se, ao nível da história concreta dos homens imersa na alienação, na encarnação do Verbo, como acontecimento de comunicação universal tendente à instauração de relações de união e de comunhão da pessoa humana com Deus, com o próximo e com o mundo. Cristo personifica modelarmente a comunicação humana. Ele, elo; Ele, agente de comunicação. Verdadeiro germen de «comunhão e progresso».

Os instrumentos da comunicação social, enquanto realidades criadas (pelo homem, chamado a participar na obra da criação), participam da natureza e da eficácia do Verbo de Deus; legitimam-se, enquanto criam elos de união e fomentam a comunhão humana, e assim contribuem eficazmente para o progresso da sociedade na busca e consolidação da justiça e da paz.

«De facto, eles criam novos laços e dão origem, como sói dizer-se, a uma nova 'linguagem', que permite um melhor entendimento e aproximação entre os homens. Pois bem, quanto melhor for a compreensão e o entendimento entre eles, tanto mais facilmente se encaminham para a justiça e paz, para a benevolência e liberalidade, para a entreajuda e amor, e, finalmente, para a comunhão. Portanto, é justo enumerar os instrumentos da comunicação social entre os meios mais válidos ao dispôr dos homens para consolidar a caridade, que dá rosto à comunhão e mais a incrementa» (CP 12).

Tendo presente o risco e consequentes perigos de uma utilização alienante dos instrumentos da comunicação social, a Instrução exorta «os homens de boa vontade a uma actuação conjunta, para que os instrumentos da comunicação social contribuam, de facto e de forma frutuosa, para a busca da verdade e para a promoção do progresso humano» (CP 13); e convida os profissionais, os críticos e os educadores a agirem com competência técnica e pedagógica e com responsabilidade cívica e moral, para que os referidos instrumentos cumpram com a sua finalidade de promover (e não de corromper) os valores humanos de pessoas e grupos⁵⁵.

Assim conclui, recapitulando e retomando a eclesiologia da *Gaudium et spes* (n. 42) e da *Lumen gentium* (n. 1), a sua primeira parte sobre a fundamentação teológica:

«Um mais perfeito entendimento e uma mais íntima compreensão entre os homens, bem como uma mais frutuosa cooperação universal, objectivos que a comunicação social pode promover admiravelmente, estão em consonância com os próprios fins do Povo de Deus [...]. Com efeito, a promoção da unidade faz parte da missão íntima da Igreja, visto que ela é em Cristo como que sacramento, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano»⁵⁶.

Perspectivas finais

Em nosso entender, a instrução pastoral «*Communio et progressio*» assinala com bastante clarividência as linhas mestras de uma fundamentação teológica correcta para a comunicação social, seus meios e instrumentos que vão beber aos mais profundos filões da teologia

⁵⁵ CP 18. O Magistério Eclesiástico tem alertado com insistência para a eficácia dos meios e instrumentos da comunicação social ao serviço da evangelização. Cf. sobre o assunto E. BARAGLI, *Comunicazione e pastorale*, Roma 1974 (com frequentes indicações bibliográficas); id., *Strumenti della comunicazione sociale ed evangelizzazione*, in *Evangelizzazione e culture II*, Roma 1976, 646-66; M. AJASSA, *La comunicazione sociale come impegno comune e specifico nel processo di evangelizzazione*, in *Evangelizzazione e cultura II*, Roma 1976, 663-667; id., *I mezzi della comunicazione sociale e la sfida formativa del nostro tempo*, in *L'annuncio del Vangelo oggi*, Roma 1977, 555-590.

⁵⁶ Cf. CP 15. E. Baragli comenta: «La comunicazione diverrà valore spirituale — tesi della *Communio et progressio* — nella misura in cui porterà alla comunione; e porterà alla comunione nella misura in cui i comunicatori, in tutti i loro rapporti sociali, supereranno ogni egoismo personale e di gruppo, esercitando ed acquisendo le virtù cardinali della prudenza, della giustizia, della fortezza e della temperanza, alle quali sono riducibili tutte le altre virtù morali. Siamo, così, all'uomo probò, onesto, retto, virtuoso, non del tutto ignoto alla speculazione e all'etica precristiana (Socrate, Seneca, Marco Aurelio...) dalla presenza attiva del quale nella compagine civile dipende il progresso autentico, e la pace vera» (*Strumenti*, 650, nota 6).

cristã, nomeadamente à noção relacional de Deus, do homem, da natureza-mundo e da história. Uma teologia da comunicação social deveria percorrer o seguinte itinerário:

- . Como ponto de partida, a convergência entre a percepção fenoménica da «comunicação social» e a compreensão bíblica de Deus e do Homem.

- . Como ponto de referência fundamental, a natureza relacional de Deus uno-trino e do homem pessoa-comunidade. Na verdade, Deus é comunicação; a pessoa humana é comunicação e faz-se na comunicação. (Não se deveria perder de vista a «Nova Física» com a sua visão sobre a natureza interactiva — inter-relacional — da realidade física).

- . Depois, uma correcta compreensão da ambiguidade da comunicação humana à luz da natureza dialéctica da relação. Uma relação pautada pelo egocentrismo aliena a pessoa ao abrir uma fractura com o mundo exterior sobre a qual serão estabelecidas relações carentes de verdade e de autenticidade. Sobre ela surgirá a manipulação egoísta da pessoa, do grupo e da sociedade. A pessoa egoísta é semelhante a um «buraco negro», que tudo absorve, tudo retém, até a sua própria radiação.

- . Paralelamente uma compreensão da pessoa autêntica, aquela que cultiva relações de união e de comunhão sem reservas, sem condições, sem limites. Que está aberta; que se comunica; que se dá; e que no dom de si ajuda a construir a sociedade pacífica e progressiva nos caminhos da concórdia universal.

- . Por fim, a compreensão da comunicação social como expressão desta dimensão comunicativa, relacional da pessoa. Expressão do homem, que ao expressá-lo o configura e o realiza. Daí, a capacidade criadora dos instrumentos da comunicação social; eles próprios, fruto da capacidade relacional e criadora do homem, feito por Deus à sua imagem e semelhança⁵⁷.

JOSÉ DE FREITAS FERREIRA

⁵⁷ Uma teologia da comunicação social só será verdadeiramente possível quando partir de uma «teologia da inovação» que tenha em conta o fenómeno da «mudança» e assim possa fazer justiça à capacidade criadora dos instrumentos da comunicação social, que, de facto, operam na sociedade como potentes (cada vez mais potentes) alavancas do processo de mudança em aceleração constante. Infelizmente a «Communio et progressio» não se apercebeu desta dimensão da comunicação social, seus meios e instrumentos. Sobre o assunto cf. P. BABIN-M. McLuhan, *Era electrónica — um novo homem — um cristão diferente*, Lisboa, 1978.

ALGUMA BIBLIOGRAFIA

- AJASSA Matteo, *La comunicazione sociale come impegno comune e specifico nel processo di evangelizzazione*, in *Evangelizzazione e Culture II (Atti del Congresso Internazionale Scientifico di Missiologia, Roma, 5-12 ottobre 1975)*, Pont. Univ. Urb., Roma 1976, 663-667.
- , *I mezzi della comunicazione sociale e la sfida formativa del nostro tempo*, in *L'annuncio del Vangelo oggi. Commento all'Esortazione Apostolica di Paolo VI «Evangelii Nuntiandi»*, Pont. Univ. Urb., Roma 1977, 555-590.
- BARAGLI Enrico, *Comunicazione e pastorale. Sociologia pastorale degli strumenti della comunicazione sociale*, 3.ª ed., S.R.C.S., Roma 1974.
- , *Strumenti della comunicazione sociale ed evangelizzazione*, in *Evangelizzazione e Culture II (Atti del Congresso Internazionale Scientifico di Missiologia, Roma, 5-12 ottobre 1975)*, Pont. Univ. Urb., Roma 1976, 646-662.
- , *Comunicazione, Comunione e Chiesa*, Roma, Studio Romano della Comunicazione Sociale, 1973.
- BENSE Max, *Informationstheorie*, in *Wissenschaftstheoretisches Lexikon*, Styria, Graz-Wien-Köln 1978, 267-271.
- BRAUN Edmund, *Kommunikation (sprachlich)*, in *Wissenschaftstheoretisches Lexikon*, Styria, Graz-Wien-Köln 1978, 315-321.
- CHAUVET Louis-Marie, *Du symbolique au symbole. Essai sur les sacrements*, Éd. du Cerf, Paris 1979.
- GABEL Émile, *Kommunikationsmittel*, in *Sacramentum Mundi II.*, Herder, Freiburg-Basel-Wien 1968, 1385-1396.
- , *Handbuch der Pastoraltheologie. Band V: Lexikon der Pastoraltheologie*, s. v. «Information im kirchlichen Bereich»; «Kommunikation»; «Massenkommunikationsforschung»; «Massenmedien», Herder, Freiburg-Basel-Wien 1972.
- JOÃO PAULO II, *A opinião pública conformada à Verdade alimenta o bem da humanidade (Mensagem para o XX dia mundial das comunicações sociais: 11-05-86)*, in *Lumen*, (1986), 83-85.
- , *L'Istruzione pastorale «Communio et Progressio»*. Introduzione e traduzione di Enrico Baragli, S.R.C.S., Roma, 1971.
- ROEGELE O. B. — BAUER G., *Kirche und Massenmedien*, in *Handbuch der Pastoraltheologie. Praktische Theologie der Kirche in ihrer Gegenwart. Band II/2*, zweite, durchgesehene Auflage, Herder, Freiburg-Basel-Wien 1971, 284-308 (Bibl. 285 s., 295 s.).
- SACROSANCTUM OECUMENICUM CONCILIUM VATICANUM II, *Constitutiones, Decreta, Declarationes. Cura et studio Secretariae Generalis Concilii Oecumenici Vaticani II*, Typis Polyglottis Vaticanis, Romae 1966, praesertim *Decretum de Instrumentis Communicationis socialis «Inter Mirifica»*, pp. 71-89.
- SCHMIDTTHÜS Karlheinz, *Einleitung und Kommentar zum Dekret über die sozialen Kommunikationsmittel*, in *Lexikon für Theologie und Kirche: Das Zweite Vatikanische Konzil. Dokumente und Kommentare. Teil I*, Herder, Freiburg-Basel-Wien 1966², 111-135.